

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
GOIANO – IF GOIANO – CAMPUS CERES**

**PEDRO MARQUES ALCANTARA E SOUZA**

**DESAFIOS METODOLÓGICOS DO ENSINO DE FILOSOFIA NO 1º ANO ENSINO  
MÉDIO DO COLÉGIO ESTADUAL MARIA ASSUNÇÃO DE AZEVEDO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Formação de Professores e Práticas Educativas, do Instituto Federal Goiano Campus Ceres, como parte dos requisitos para obtenção do título de especialista, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Denise Dias.

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR PRODUÇÕES  
TÉCNICO-CIENTÍFICAS NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DO IF GOIANO**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Institucional do IF Goiano (RIIF Goiano), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IF Goiano.

**Identificação da Produção Técnico-Científica**

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Tese  | <input checked="" type="checkbox"/> Artigo Científico   |
| <input type="checkbox"/> Dissertação                                 | <input type="checkbox"/> Capítulo de Livro              |
| <input type="checkbox"/> Monografia – Especialização                 | <input type="checkbox"/> Livro                          |
| <input type="checkbox"/> TCC - Graduação                             | <input type="checkbox"/> Trabalho Apresentado em Evento |
| <input type="checkbox"/> Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ |   |

Nome Completo do Autor: **PEDRO MARQUES ALCANTARA E SOUZA**

Matrícula: **2019203302360278**

Título do Trabalho: **DESAFIOS METODOLÓGICOS DO ENSINO DE FILOSOFIA NO 1º ANO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO ESTADUAL MARIA ASSUNÇÃO DE AZEVEDO**

**Restrições de Acesso ao Documento**

Documento confidencial:  Não  Sim, justifique: \_\_\_\_\_

Informe a data que poderá ser disponibilizado no RIIF Goiano: 19/05/2021

O documento está sujeito a registro de patente?  Sim  Não

O documento pode vir a ser publicado como livro?  Sim  Não

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;

3. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

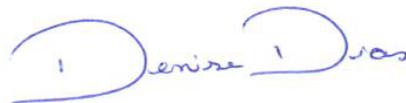
Ceres, 11/05/2021.

A handwritten signature in black ink, reading "Pedro Marques Alcantara e Souza". The signature is written in a cursive style with a large initial 'P'.

---

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

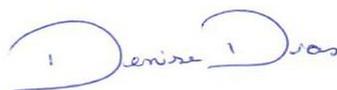
Ciente e de acordo:

A handwritten signature in blue ink, reading "Denise Dias". The signature is written in a cursive style with a large initial 'D'.

Assinatura do(a) orientador(a)

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CURSO

Às dezenove horas do dia trinta do mês de março do ano de dois mil e vinte e um, realizou-se a defesa de Trabalho de Conclusão de Curso do(a) estudante Pedro Marques Alcântara e Souza, cujo título é **“DESAFIOS METODOLÓGICOS DO ENSINO DE FILOSOFIA NO 1º ANO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO ESTADUAL MARIA ASSUNÇÃO DE AZEVEDO”**. A banca examinadora considerou o trabalho APROVADO com média 9,5, estando o(a) estudante APTO para fins de conclusão do Trabalho de Curso. Após atender às considerações da banca e respeitando o prazo disposto em calendário do Programa de Pós graduação em Formação de Professores e Práticas Educativas, do Campus Ceres, o(a) estudante deverá fazer a submissão da versão corrigida em formato digital (PDF) no Repositório Institucional do IF Goiano – RIIIF, acompanhado do Termo Ciência e Autorização Eletrônico (TCAE), devidamente assinado pelo autor e orientador. Os integrantes da banca examinadora assinam a presente.



*Denise Dias*

*Presidente da*

*Banca*



*Profa. Dra. Lorena de Almeida Cavalcante Brandão*

*Nunes*

*Membro da Banca*



---

*Profa. Dra. Maria Lícia dos Santos*

*Membro da Banca*

*Fernando Ferreira da Silva*

---

*Prof. Me. Fernando*

*Ferreira*

*Membro da banca*

## DESAFIOS METODOLÓGICOS DO ENSINO DE FILOSOFIA NO 1º ANO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO ESTADUAL MARIA ASSUNÇÃO DE AZEVEDO

Pedro Marques Alcântara e Souza<sup>1</sup>  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise Dias<sup>2</sup>  
Coorientador: Prof. Ms. Fernando Ferreira<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo relata os desafios metodológicos do ensino de Filosofia no 1º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Maria Assunção de Azevedo, localizado em Carmo do Rio Verde-GO. Para tanto, foi realizada uma análise da bibliografia sobre o processo de ensino de Filosofia, passando por Aristóteles, Campaner, Freire, Hegel, entre outros, e uma narração descritiva de experiência profissional enquanto docente durante a pandemia do coronavírus. O processo de ensino de filosofia, desde seus primórdios, sempre fora objeto de análise. Por um lado, alguns teóricos salientam a importância do ensino da História da Filosofia como elemento constitutivo para base de compreensão racional do conhecimento, enquanto, para outros, deve-se ensinar conceitos da Filosofia que estão mais próximos dos alunos, de sua realidade. Demócrito (1996) instrui que o ensino de filosofia deve propiciar a construção de pensamento e não ser meramente uma transmissão de conhecimento e informações. Enquanto para Campaner (2021), é preciso que, o que for ensinado promova o ingresso do aluno no universo da problemática filosófica. E, a partir da prática docente foi possível elencar algumas dificuldades enfrentadas no âmbito de ensino de Filosofia, a saber: O primeiro contato dos discentes com a filosofia; currículo denso; o método de avaliação e o processo de ensino de Filosofia no contexto da pandemia. Durante a elaboração do trabalho foi possível conhecer os desafios do processo de ensino de filosofia, bem como o contexto em que eles foram apresentados. Diante das mais variadas interpretações de desafios, ora recorrentes, ora impostos pelo próprio contexto, do ensino de Filosofia o presente trabalho procurou compreendê-los à luz da atualidade. Com isso, apresentou-se novos horizontes para pesquisas, além de uma análise crítica acerca do ensino de Filosofia no 1º ano do Ensino Médio, com destaque para os desafios metodológicos postos pela pandemia do novo coronavírus, possibilitando uma alternância no método a ser utilizado no processo de ensino.

**Palavras-chaves:** Desafios metodológicos; Ensino de Filosofia; Ensino Médio.

**Abstract:** This article reports the Methodological Challenges of Teaching Philosophy in the 1st year of High School at School Estadual Maria Assunção de Azevedo in Carmo do Rio Verde-GO. To this end, an analysis of the bibliography on the process of teaching Philosophy through Aristotle, Campaner, Freire, Hegel, among others, and a descriptive narrative of professional experience in the face of the coronavirus pandemic was carried out. The process of teaching philosophy, since its beginnings, has

---

<sup>1</sup> Possui Licenciatura em Filosofia pelo Claretiano Centro Universitário. Especialização em Fundamentos para o ensino de Filosofia e Sociologia. (FAEL). Atualmente é professor do Colégio Estadual Maria Assunção de Azevedo. Contato: [ppmarkes\\_2@hotmail.com](mailto:ppmarkes_2@hotmail.com).

<sup>2</sup> Possui graduação em letras português/francês pela Universidade Federal de Goiás (1991), graduação em direito pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1991). Especialista em Literatura pela Universidade Salgado de Oliveira. Especialista em Direito Constitucional e Administrativo pela Academia de Polícia Militar de Goiânia. Mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2014). Doutorado pela Universidade de Brasília com co-tutela pela Université de Rennes II. Atualmente é professora do Instituto Federal Goiano Campus Ceres. Contato: [denise.dias@ifgoiano.edu.br](mailto:denise.dias@ifgoiano.edu.br)

<sup>3</sup> Possui Graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. Graduação sanduíche na Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt, na Alemanha. Mestre em Filosofia pelo programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Goiás. Atualmente é professor substituto na área de Filosofia no Campus Ceres do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano. Contato: [fernando.ferreira@ifgoiano.edu.br](mailto:fernando.ferreira@ifgoiano.edu.br)

always been the object of analysis. On the one hand, some theorists emphasize the importance of teaching the History of Philosophy as a constitutive element for the basis of rational understanding of knowledge, while, for others, it is necessary to teach Philosophy concepts that are closer to the students, to their reality. Demócrito (1996) instructs that the teaching of philosophy should promote the construction of thought and not be merely a transmission of knowledge and information. While for Campaner (2021), it is necessary that what is taught promotes the student's entry into the universe of philosophical problems. And, from the teaching practice it was possible to list some difficulties faced in the scope of teaching Philosophy, namely: The first contact of students with philosophy; dense curriculum; the method of evaluation and the process of teaching philosophy in the context of the pandemic. During the elaboration of the work, it was possible to know the challenges of the philosophy teaching process, as well as the context in which they were presented. In view of the most varied interpretations of challenges, sometimes recurring, sometimes imposed by the context, of the teaching of Philosophy, the present work sought to understand them in the light of the present. With that, new horizons for research were presented, in addition to a critical analysis about the teaching of Philosophy in the 1st year of High School, highlighting the methodological challenges posed by the pandemic of the new coronavirus, enabling an alternation in the method to be used in the teaching process.

**Keywords: Pedagogical challenges; Philosophy teaching; High school.**

## **1. Introdução:**

Os desafios metodológicos do ensino de Filosofia no 1º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Maria Assunção de Azevedo representam o norte central deste trabalho. No contexto atual, muito se questiona sobre o ensino de Filosofia e sua importância na composição do currículo programático do Ensino Médio. Dessa situação, decorrem inúmeros desafios no processo de ensino, sobretudo no primeiro ano, pois os alunos, na maioria das vezes, desconhecem a importância do ensino de Filosofia e de sua aplicação na construção do conhecimento. Da mesma forma, os docentes não estão motivados, ou mesmo, não se encontram devidamente instrumentalizados e formados para assumirem desafiadora tarefa de apresentar esta disciplina tão cara e, ao mesmo tempo, exigente. Partindo dos questionamentos sobre a metodologia do ensino de filosofia para o primeiro ano do ensino médio e das angústias vividas por docentes que trabalham com este público, o presente artigo visa propor uma análise sobre os desafios metodológicos ora encontrados.

O presente trabalho justifica-se por considerar de grande relevância o ensino de Filosofia no Ensino Médio, em especial no primeiro ano, quando os alunos oriundos do Ensino Fundamental, em sua grande maioria, têm um primeiro contato com a Filosofia, pois, a Filosofia, apesar de toda sua abrangência e amplitude, não deixa de ser uma região peculiar da curiosidade humana (ROCHA, 2010).

Assim, há de se considerar que as angústias do nosso tempo e os desafios metodológicos enfrentados na prática docente, a partir de uma análise, servirão como contribuição, para que, o exercício do filosofar ocorra de modo efetivo e como base de reflexão para possíveis mudanças de estratégias de ensino no âmbito da realidade escolar.

A questão a ser discutida é: quais são os desafios metodológicos enfrentados no processo de ensino de Filosofia no 1º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Maria Assunção de Azevedo que sempre fizeram parte do processo de ensino desta disciplina.

Acerca do processo de ensino, Braida afirma: “A História da filosofia simplesmente nos diz que tudo pode ser ensinado e tudo pode ser dispensado” (BRAIDA, 2010, p. 11). Porém, cabem-nos as seguintes perguntas: o que ensinar? Como ensinar? Quais os desafios encontrados no processo de ensino? E como avaliar este processo? Questões como estas nortearão o presente trabalho e proporcionarão uma visão ampla do processo de ensino-aprendizagem no 1º ano do Ensino Médio.

Espera-se que, com este artigo, o Colégio Estadual Maria Assunção de Azevedo possa fazer uma análise crítica acerca do ensino de Filosofia no 1º ano do Ensino Médio, com destaque para os desafios metodológicos postos pela pandemia do novo coronavírus, possibilitando uma alternância no método a ser utilizado no processo de ensino.

## **2. Um olhar histórico e teórico do processo de ensino de Filosofia.**

Transcorridos vários séculos de sua gênese, desde os primórdios da Filosofia Grega seu processo de ensino foi discutido, pois sempre se questionou: o que ensinar? E como ensinar? Por um lado, alguns teóricos salientam a importância do ensino da História da Filosofia como elemento constitutivo para base de compreensão racional do conhecimento, enquanto, para outros, deve-se ensinar conceitos da Filosofia que estão mais próximos dos alunos, de sua realidade.

De todo modo, não se pode desprezar que a Filosofia atua significativamente no “desenvolvimento cognitivo dos educandos, amplia as possibilidades de compreensão do mundo e corrobora para uma melhor compreensão dos objetos de conhecimentos relacionados a outras áreas do conhecimento” (VAZ, 2015, p. 32).

De muitos modos, a Filosofia foi transmitida e ensinada, seja pela tradição oral, ou escrita. Neste sentido, há de se considerar que, desde os primeiros filósofos, como Tales de Mileto, Heráclito, Parmênides, Demócrito e tantos outros até os filósofos contemporâneos, a

importância e necessidade da transmissão do conhecimento filosófico continua intensa, pujante e viva.

Na perspectiva do ensino da Filosofia, enquanto arte de ensinar, Demócrito (1996) afirma que é preciso forjar muitos pensamentos, não muitos conhecimentos, uma vez que o ensino de Filosofia deve propiciar a construção de pensamento e não ser meramente uma transmissão de conhecimento e informações.

Na escola Hegeliana, a arte do ensino filosófico perpassa pela história da Filosofia, a qual constitui fundamentalmente o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, o próprio filosofar, no alcance do conhecimento. Assim, pode-se aferir que é por meio do estudo da História da Filosofia que se encontra a gênese do conhecimento, bem como, seu desenvolvimento e seus suscetíveis acontecimentos. Hegel afirma que:

A História da Filosofia representa a série dos espíritos nobres, a galeria dos heróis da razão pensante, os quais, graças a essa razão, lograram penetrar na essência das coisas, da natureza e do espírito, na essência de Deus, conquistando assim com o próprio trabalho o mais precioso tesouro: o do conhecimento racional. (HEGEL, 1999, p. 87)

Um dos maiores desafios aos docentes de Filosofia no 1º ano do Ensino Médio é confrontar-se com um currículo tradicional, conforme salienta a escola Hegeliana, indo numa sequência cronológica da História da Filosofia desde a fundação, com Tales de Mileto, Heráclito, Parmênides, Pitágoras, passando por Sócrates, Aristóteles, Platão, até os dias de hoje, conforme pondera Rodrigo.

O modelo mais tradicional de programa centrado na História da Filosofia consiste em apresentar uma sequência cronológica dos pensadores, desde Tales de Mileto até hoje, numa abordagem que prescinde do contato direto com o pensamento dos filósofos restringindo-se basicamente a uma narração e síntese da vida, obra e principais ideias dos filósofos, organizados de modo classificatório, segundo os sistemas de pensamentos que estão vinculados. (RODRIGO, 2009, p.45)

O ensino apresentado por Rodrigo é o que incide sistematicamente em nossas escolas; ou seja, na prática os objetos de conhecimento da Filosofia são apresentados de forma cronológica, a partir de diferentes sistemas filosóficos, vida e obra de teóricos expondo ao discente o pensamento de determinados filósofos.

Corroborando com Rodrigo, Schutz e Schwengber sinalizam a grande relevância do ensino da História da Filosofia.

Se não buscarmos o sentido no fio proveniente da tradição, o pensamento se vê, assim, na difícil tarefa de encontrar o sentido sem poder contar com os padrões universais estabelecidos como tais pelo passado. A “herança sem

testamento”, como a situação do pensamento no mundo contemporâneo, que nos alerta Arendt na obra *Entre o Passado e o Futuro* (2013), obriga a filosofia a se reconciliar com a existência e a buscar a sua significação no seu âmbito mesmo, e não em outro mundo ou numa legalidade ou conhecimento do curso histórico no seu todo. (SCHUTZ; SCHWENGBER, 2018, p. 9)

Por outro lado, Campaner, salienta que é preciso ter em mente uma reflexão sobre o que se ensina, para que o que for ensinado promova o ingresso do aluno no universo da problemática filosófica.

A questão do ensino de Filosofia exige que nos dediquemos a refletir sobre “o que” e “como” ensinar. Não é produtor simplesmente tomarmos os conteúdos transmitidos no ensino superior e adequá-los ao jovem estudante. Devemos pensar, num programa e numa forma específicas de ensinar filosofia para o ensino médio que o tome como uma etapa também específica do aprendizado, com regras e exigências próprias. [...] O ensino de Filosofia deve introduzir o estudante no universo da problemática filosófica, fazendo-o ver que esse é o universo das possibilidades. A discussão filosófica permite que o caminho de um programa e/ou de temas a serem perpassados, caminho esse traçado inicialmente, possa ser modificado de acordo com o desenrolar de questões que porventura mobilizem os alunos e o professor. (CAMPANER, 2012, p. 25-27)

Na atualidade, Gallo e Kohan sintetizam que o processo do ensino de Filosofia se dá pelos seguintes aspectos:

História da Filosofia: entender a Filosofia por meio de seu trajeto histórico.  
Conteúdos filosóficos: os conceitos de liberdade, verdade e justiça defendidas por grandes filósofos como: Platão, Sócrates e Descartes entre outros.  
Problemas filosóficos: como corpo, mente a existência de Deus. (GALLO; KOHAN, 2000, p.17)

Em outras palavras, é preciso compreender toda trajetória da Filosofia e seu processo histórico, bem como, a sua relação com os conteúdos filosóficos (conceitos e problemas) e seus teóricos para garantir um processo de ensino-aprendizagem eficaz.

Desta sorte, entende-se que é no processo de ensino que acontece a possibilidade do conhecimento racional e que, a partir dele, emana a práxis filosófica; ou seja, a construção do saber, como bem compreende a etimologia da palavra Filosofia; *Philos* (amigo) + *Sophia* (sabedoria) = amizade à sabedoria. Contudo, há de se aferir quais são os desafios metodológicos encontrados no processo de ensino, para que, a partir de uma análise, se possa refletir sobre qual o caminho a seguir na eficácia da construção do pensamento e de seu desenvolvimento.

A Filosofia, enquanto instrumental para a construção do saber, viabiliza-se com vários recursos, entre eles o docente, que assume o papel de mediador do saber teórico e prático. Não é ele quem ensina, mas serve como um elo entre o conhecimento teórico e a prática; por isso, é justo e necessário que, em todo o processo da arte de ensinar Filosofia, seja o docente um fiel colaborador entre a História da filosofia, conceitos e problemas filosóficos e um verdadeiro estimulador dos conhecimentos de seus discentes. Pois, “a alma de quem aprende deve ser cultivada por meio de hábitos que, introduzem quem aprende a gostar e a desgostar acertadamente, à semelhança da terra que deve nutrir a semente”. (ARISTÓTELES, 1992, p.195).

Considerando o processo de ensino de filosofia do ensino médio, Souza afirma:

Quanto a esta problemática, existe um debate acalorado entre os pesquisadores e professores da educação básica. Alguns preferem trabalhar conteúdo da disciplina partindo da reflexão sobre determinadas temáticas. Outros, em contrapartida, utilizam a história da filosofia como um principal procedimento. (SOUZA, 2017, p. 76)

Assim, efetivamente pode-se aferir que um dos desafios metodológicos latentes no seio do processo de ensino de Filosofia perpassa pela seguinte pergunta: o que ensinar? Ensina-se História da Filosofia? Ou ensina-se conceitos e problemas filosóficos? Ou ainda, estimula-se a pensar? A partir do exposto surge a necessidade de pesquisa e reflexão acerca dos desafios metodológicos enfrentados por professores na prática pedagógica do ensino de Filosofia.

A inserção da Filosofia no currículo programático do Ensino Médio é uma discussão que há tempos vem sendo feita no Brasil, ora obrigatória, ora como disciplina complementar ao currículo, como nos é apontado por Campaner.

Os momentos são, no entanto, distintos, pois se a presença da Filosofia no currículo do Ensino no período colonial justificava-se pela necessidade de catequizar os indígenas e africanos, além de manter os colonos próximo à Igreja Católica - ela confundia-se então com o ensino Religioso -, e posteriormente para prover as classes abastadas de uma educação nos moldes da metrópole, essa presença foi muitas vezes interrompida, e sua ausência durante os anos 1970 e 1980, assim como sua volta posterior, têm motivos distintos. A lei 9394/96, que inclui o ensino de filosofia no Ensino Médio depois dessa longa ausência, é a expressão do ideário neoliberal e apresenta uma concepção aparentemente avançada. (CAMPANER, 2012, p.11)

De todo modo, a nossa proposta principal não é discorrer sobre o problema da inserção curricular da Filosofia no Ensino Médio, porém não podemos deixar passar sem mencionar essa instabilidade na inserção curricular da disciplina de Filosofia. Tudo isso, por sua vez,

compromete o processo de ensino, gerando algumas dificuldades, entre elas: desbotando a própria natureza da disciplina, que é proporcionar ao discente um pensamento autônomo, crítico e independente.

A partir daí, podemos nos questionar: mas afinal, qual a importância do ensino de Filosofia? Qual é o papel do professor de Filosofia frente ao seu ensino? E é a partir de questionamentos como estes que, propomos uma reflexão ao estimado leitor.

### **3. Os desafios do ensino de Filosofia**

Quanto à escolha do tema deste trabalho, se deu considerando quatro elementos, a saber: (01) Está próximo a mim; (02) É um tema que inquieta o meu coração, enquanto professor; (03) Se faz sensível à ocasião e (04) Sempre esteve presente na história dessa arte. Há dois anos que ministro aulas de Filosofia para alunos do ensino médio, um recém-nascido na docência, e é a partir da prática docente que iremos expor algumas dificuldades enfrentadas no âmbito de ensino de Filosofia, do Colégio Estadual Maria Assunção de Azevedo, em Carmo do Rio Verde-GO, onde hoje sou docente, mas que por dez anos fui discente.

No âmbito geral, posso dizer que vivendo as duas fases educacionais, discente e docente na mesma escola; hoje consigo, de modo claro, ajuizar alguns desafios enfrentados no processo de ensino de Filosofia. E esses desafios, com identidades próprias, são praticamente os mesmos em todas as primeiras séries do Ensino Médio -mudam-se somente de endereço. Neste sentido, procuraremos discorrer sobre três desafios, sendo: (01) Discentes que chegam do nono ano ao Ensino Médio e que, em sua grande maioria, desconhecem a Filosofia. (02) O que ensinar? Como ensinar? e (03) Como avaliar esse processo? E, a partir daí, promover uma reflexão acerca do processo de ensino-aprendizagem no 1º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Maria Assunção de Azevedo.

A chegada dos alunos à primeira série do Ensino Médio é sempre um momento de muitas expectativas e, conseqüentemente, de muitos desafios. É nesse contexto que, os(as) alunos(as) vão retomar, de forma mais profunda, aquilo que fora estudado no Ensino Fundamental, inclusive as Ciências Exatas, como a Matemática e suas Tecnologias e as Ciências da Natureza etc.

Por outro lado, vão adentrar mais profundamente vasto oceano das Ciências Humanas e, por sua vez, terão um primeiro contato com a Filosofia. É nesse período também que os alunos começam a delinear o seu projeto de vida, bem como, sua carreira profissional. E, na atualidade,

com maior ênfase, impulsionados por disciplinas postas nos currículos que atendem à demanda do neoliberalismo. Como exemplo: projeto de vida, empreendedorismo etc.

E, a partir deste desafio, surge outro: como apresentar a Filosofia aos discentes, que na esmagadora maioria das vezes nunca tiveram contato com ela, ou mesmo nunca ouviram falar dessa disciplina, que nos é tão cara e tão importante? Antes, porém, de adentrarmos nessa reflexão, podemos nos perguntar: qual o sentido e a importância da Filosofia no Ensino Médio?

Muitas foram as razões para retirar a obrigatoriedade da Filosofia no Ensino Médio, porém inúmeros foram os argumentos para sua inserção no currículo. Neste sentido, salienta Campaner.

Uma das garantias de sua sobrevivência está na contribuição que a Filosofia tem a dar para a formação de uma vida ética e política. Para tanto, é necessária a elaboração de propostas concretas para o seu ensino, de modo que não sejam somente propostos os conteúdos, mas que se atente principalmente ao modo como tais conteúdos serão desenvolvidos pelos alunos. (...) A tarefa da Filosofia pode ser definida como uma confrontação polêmica com a atualidade para interpretá-la. (CAMPANER, 2012, p. 14-15)

Deste modo, é possível aferir que, no que concerne à aplicabilidade dos conteúdos e ao desenvolvimento dos alunos, o professor assume uma posição dialógica e exegética, a qual proporcionará, a seus discentes, a constituição de argumentos e problemas que os permitam aprofundar a própria percepção sobre a realidade, abordando temas como a ética e a política de forma crítica, o que indubitavelmente favorecerá a sua emancipação enquanto cidadãos, emergindo daí uma das importâncias para o ensino. Em outro momento, Campaner (2012) nos aponta que o ensino de Filosofia deve introduzir o estudante no universo da problemática filosófica, fazendo-o ver que esse é o universo das possibilidades.

Por outro lado, ainda acerca da filosofia enquanto disciplina no ensino médio, Rodrigo apresenta que:

O objetivo central, para o qual devem convergir os esforços e a metodologia a ser implementada, consiste em introduzir o aluno à filosofia, quer dizer, levá-lo para dentro ou inseri-lo numa forma específica de saber, em duplo aspecto: em relação a determinado conteúdo e a certos procedimentos concernentes à aquisição desse conteúdo (RODRIGO, 2009, p.24)

Desta feita, é possível pontuar que a metodologia a ser implementada no processo de ensino de Filosofia, aos nossos olhos, é aquela que possibilite ao discente a inserção à Filosofia não somente como um saber teórico, mas como uma atitude, uma prática reflexiva.

Ao passo que, no primeiro parágrafo, do terceiro volume das Orientações Curriculares para o Ensino Médio do Ministério da Educação, se lê:

A Filosofia deve ser tratada como disciplina obrigatória no Ensino Médio, pois isso é condição para que ela possa integrar com sucesso projetos transversais e, nesse nível de ensino, com as outras disciplinas, contribuir para o pleno desenvolvimento do educando (MEC, 2006, p.15)

Portanto, considerando a importância do ensino de Filosofia no Ensino Médio, sobretudo na primeira série, se dá em torno da formação de uma vida ética e política do discente, bem como, sua inserção numa forma específica do saber que servirá de alicerce para a assimilação e compreensão de outras áreas e de seus objetos de conhecimento. Ou seja, o ensino de Filosofia seria para o universo do saber aquilo que a enxada é para o agricultor cultivar a terra. Em suma, é aquele instrumento com o qual será possível limpar, cultivar, escavar e aprofundar o conhecimento.

Dada a importância do ensino da filosofia, voltamos a um desafio no processo de ensino na etapa do ensino médio, a saber: os discentes que chegam do 9º ano do Ensino Fundamental no Ensino Médio e que, em sua grande maioria, desconhecem a Filosofia.

Com clareza meridiana, é possível aferir que isso acontece porque os discentes, não tiveram contato com a filosofia nas duas etapas do Ensino Fundamental; partindo dessa premissa, é possível concluir que realmente é impossível amar aquilo que não se conhece<sup>4</sup>.

Um outro desafio a ser considerado é o processo motivacional do aluno oriundo do Ensino Fundamental e a expectativa do docente. Neste sentido, Rodrigo discorre:

Um equívoco comum ao especialista consiste em atribuir aos outros o mesmo grau de interesse que ele próprio possui por sua área de conhecimento. Para não incorrer nesse erro, convém, primeiramente, indagar que motivação ou interesse pode ter o aluno do nível médio pelo estudo de filosofia. Ao iniciar o trabalho na disciplina o professor não pode, obviamente, contar com nenhum interesse prévio do aluno pela filosofia; no caso do adolescente, não se pode encarar a motivação como um “requisito a *priori*”, nem como uma questão de “vocação pessoal” (Martini, s/d). Menos ainda, para fugir a outra possível idealização, se deve crer que esse aluno sinta alguma necessidade de conhecimento filosófico. A esse respeito declara Gérard Lebrun: “Nunca acreditei que um estudante pudesse orientar-se para a filosofia porque tivesse sede de verdade: a fórmula é vazia” (apud FAVARETTO, 1995, p. 79). Em contrapartida, vale lembrar que, além de não ser uma opção pessoal do estudante de nível médio cursar filosofia, no seu percurso escolar, ele acaba sendo induzido a priorizar uma formação técnico profissionalizante e/ou a preparação para prestar um vestibular. Neste território, fica difícil atribuir significação à filosofia: Ela não é disciplina profissionalizante nem tem sido,

---

<sup>4</sup> Frase atribuída a Agostinho de Hipona, sobre o amor e conhecimento.

como regra geral do vestibular. Impossível, portanto, situar um eventual interesse pela aprendizagem filosófica no horizonte dos objetivos práticos utilitários inerentes à escola de nível médio. (RODRIGO, 2009, p.35)

Neste cenário, podemos nos perguntar: “E agora, José?”<sup>5</sup> Iniciei este parágrafo com uma expressão do venerado poeta Carlos Drummond de Andrade, que, de certa feita, revela o sentimento de solidão e abandono quando nos deparamos com este desafio. Pois bem, é este sentimento que muitas vezes aflige o coração deste professor de filosofia. E aqui se faz mister mencionarmos a máxima atribuída a Sócrates: “Procurai fazer com ânimo, tudo aquilo que precisa ser feito”.

Pois bem, com ânimo sacramentado pelo magnífico filósofo, adentremos em outro desafio - creio que um dos mais latentes - posto no sagrado ofício do docente: o que ensinar? e como ensinar?

Ao referirmos ao que se ensinar (currículo) e a avaliação, é possível considerar que, a estes conceitos apresentam-se várias tendências, porém, deliberamos nos ater a dois, a saber: o primeiro consideramos o currículo como os conhecimentos selecionados e estruturados para compor as etapas do processo de ensino em perspectiva crítica e política. Já o segundo, ponderamos a partir de análise e diagnóstico.

Muitas são as discussões em torno do processo de ensino. Ensina-se, Filosofia sua história e seus conceitos, ou se ensina a filosofar? Antes de aprofundarmos nesta pergunta, é justo e imprescindível que recorramos à etimologia do verbo ensinar, do latim *insignare* e que, numa tradução livre, pode ser tida como: “dar um significado”. Assim, toda a prática do professor é dar significado ao processo de ensino, seja o que ensina, seja à maneira que ensina.

O ato de ensinar perpassa por um processo de formulação de problema tanto prático quanto teórico. Logo, há de se ensinar só a história e conceitos da Filosofia, ou há de se ingressar o discente no universo da problematização filosófica sem aderir a seus métodos. E, decorrendo deste desafio, vislumbra-se outro, seja sentado às cadeiras da sala de aula ouvindo a História da Filosofia e seus conceitos, seja sendo estimulado pelo docente a refletir sobre a problemática filosófica. Como avaliar o processo de ensino aprendizagem do aluno? Uma vez que se encontra no 1º ano - é justo salientar, que não é tão somente no primeiro ano, mas também no 2º e 3º anos - do Ensino Médio, há alunos com considerável dificuldade de compreensão, problematização e interpretação de textos.

---

<sup>5</sup>Se refere ao poema *José* de Carlos Drummond de Andrade que foi publicado originalmente em 1942, na coletânea *Poesias*. Estampa o sentimento de solidão e abandono do indivíduo na cidade grande, a sua falta de esperança e a sensação de que está perdido na vida, sem saber que caminho tomar. E que em muitas das vezes se aplica ao professor que se depara com a realidade que o cerca, sobretudo o professor recém-chegado da academia.

Compreendo que o processo avaliativo se ocupa da formação analítico-crítica do aluno, visando garantir a assimilação dos objetos de conhecimentos propostos pelo currículo. Por outro lado, é no processo avaliativo que se encontra a maior missão do professor: a de apreciar, contemplar, retificar, revigorar e ressignificar aquilo que foi assimilado pelo seu aluno. Desta feita, conclui-se que, o professor em sua essência é aquele que propala, através do processo avaliativo, o alcance do aprendizado de seu aluno em maior ou menor grau.<sup>6</sup>

É neste exato momento que o sagrado ofício do professor de Filosofia se torna mais desafiador, uma vez que:

A Filosofia não é doutrinária. Estabelecer linhas de pensamentos e restringir ou exigir o ensino de certos autores significa sufocar a própria possibilidade que a Filosofia traz de abrir o espaço para a manifestação dos jovens em sala de aula, seja expondo e discutindo seus argumentos ou as concepções dos filósofos propostos. (CAMPANER, 2012, p. 26)

Atualmente, definida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/1996 (BRASIL, 1996), a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) salienta que é preciso avaliar habilidades e competências, como bem salienta Rodrigo:

Não se trata mais, como no passado, de restringir a avaliação apenas à verificação dos saberes pelos alunos. Devem ser examinadas também as competências e habilidades relacionadas à articulação dos conteúdos, como, por exemplo no caso da filosofia, a capacidade de compreender, problematizar e interpretar textos, estruturar logicamente o raciocínio, expressar o pensamento numa redação coerente etc. Além do mais, a avaliação deve englobar o processo educativo em sua totalidade, e não apenas uma parte dele, ou a parte do aluno. Significa que é necessário avaliar também a atuação do professor - as atividades e os procedimentos de ensino desenvolvido com os alunos - visto que a avaliação da aprendizagem e do ensino são indissociáveis. (RODRIGO, 2009, p.94)

Portanto, estabelecer limites, moldes, padrões, nivelamentos e exames para avaliação do pensamento, da fluidez e da assimilação do discente na disciplina de Filosofia seria, sem dúvida, uma atitude desastrosa e nefasta que indubitavelmente distanciaria o aluno da amizade pelo saber e pela construção do conhecimento, prejudicando sua autonomia, criatividade e até mesmo na sua própria identidade.

Por isso, faz-se mister considerar que o processo avaliativo do ensino de filosofia deve servir para que, de modo inequívoco, se estabeleça a construção e o acesso ao conhecimento.

---

<sup>6</sup>Pois bem, esta minha compreensão do processo avaliativo se deu no transcurso da disciplina Currículos e Avaliação nos contextos da formação de Professores, ministrada pela Prof<sup>ra</sup>. D<sup>ra</sup>. Lorena de Almeida Cavalcante, enquanto discente do curso de Pós-graduação *Lato Sensu* Formação de Professores e Práticas Educativas, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, *campus* Ceres.

Daí decorre uma das mais significativas funções do docente: disponibilizar instrumentos que habilitem seu discente a retomar aquilo que não foi alcançado e que, ao mesmo tempo, estimule, ensine, avalie e ressignifique o processo de aprendizagem. A metodologia dialógica, quer dizer a arte de dialogar e a contextualização, e o texto no contexto são instrumentos que propiciam ao discente a edificação do conhecimento, através de sua própria autonomia, bem como contribuem para a capacidade de questionamento e de argumentação, confrontando-a com a realidade na qual está inserido.

Ante o exposto, de modo teórico, passamos a descrever os desafios na prática<sup>7</sup>, vividos por este professor de filosofia, no Colégio Estadual Maria Assunção de Azevedo, em Carmo do Rio Verde-GO.

Ao adentrar-me pela primeira vez nas três salas do 1º ano do Ensino Médio, no ano de 2019, tendo em mãos e na cabeça o plano de aula, cumprimentei as turmas, me apresentei e comecei a falar sobre o universo da Filosofia, sua etimologia, sua importância para a construção do conhecimento. Nas três salas, senti em meu coração os mesmos sentimentos. Que eu estava ali falando com pessoas que não me ouviam e não interagiam. Quando questionei os alunos sobre se eles conheciam ou já ouviram falar de Filosofia, pouquíssimos, talvez uns 6 ou 7 nas três salas, responderam que sim. Após, esforcei-me ao máximo para explicar a eles a importância e a necessidade da Filosofia, na vida acadêmica e na vida social, porém tentativas foram frustradas. Veio-me a tristeza, o descontentamento, e a ansiedade. Questionamentos como: Será que eu não sou um bom professor? Será que não estou conseguindo favorecer o aprendizado do aluno?

Ao preparar as aulas para as referidas turmas, me deparei com um currículo um tanto quanto denso. Por exemplo: O Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás para o 1º ano do Ensino Médio, no primeiro bimestre, traz como eixo temático a Filosofia Grega e como objetos do conhecimento: O significado do termo Filosofia. O mito e o logos. O nascimento da Filosofia - teorias sobre o surgimento da filosofia: a ruptura entre o mito e o logos – teoria do milagre grego; a continuidade entre mito e logos; o logos noético. Relação entre o surgimento da Filosofia e o exercício político na pólis grega. O Espanto - hipótese aristotélica do surgimento da filosofia a partir do Espanto. Pré-socráticos: Heráclito: eterno fluxo, multiplicidade e unidade; Parmênides: imobilidade do Ser e aparência. (GOIÁS, 2012) isto é, um currículo robusto, distante da realidade dos discentes que em sua maioria nunca

---

<sup>7</sup>De antemão, esclarecemos que, o rigor científico não coaduna com narrativas em 1º pessoa, porém, dada a envergadura do Curso de Pós-graduação *Lato sensu* em formação para professores e práticas educativas, do qual este trabalho é objeto de avaliação, de nada adiantaria fazê-lo sem abordar as experiências vividas pelo docente no exercício profissional, assim, se justifica essa “quebra de paradigma” acadêmica.

ouviram falar em *Physis, Arché, Ápeiron e Logos*<sup>8</sup> ou mesmo no próprio conceito de filosofia. Olhava o currículo, imaginava a turma, e assim foi por um bom tempo, tentando escolher qual metodologia utilizar para aplicar aqueles conteúdos. Foi uma dúvida cruel até que, conversando com a coordenação pedagógica, deliberei por aulas expositivas, uso da lousa, atividades impressas, leitura colaborativa. Ao aplicar os planos de aula, novamente vieram as frustrações: os alunos pareciam máquinas, copiavam e respondiam as atividades, algo meramente mecânico. Aquilo me inquietava, me angustiava; afinal, eu sonhava com os alunos questionando, debatendo, expondo problemas etc.

E, por último, um dos desafios mais latentes vividos no transcurso das aulas de Filosofia no primeiro ano do Ensino Médio foi, ao final do bimestre, elaborar uma prova(exame) para formar a média do bimestre. Foi repassado pela coordenação pedagógica que todos os professores deveriam elaborar as técnicas de provas e entregar na secretaria, para avaliação pela coordenação pedagógica e impressão. Confesso que fiquei um pouco espantado, por saber que um dos instrumentos avaliativos seria essa prova. Preparei a técnica com cinco tipos de questões a saber: três questões de múltiplas escolhas e duas questões discursivas. Nas três turmas que foram aplicadas às provas, a esmagadora maioria acertou somente as de múltipla escolha. Quanto às duas reflexivas, pouquíssimos alunos responderam e não conseguiram articular uma resposta lógica e argumentativa. E, a partir deste confronto entre as avaliações que foram entregues pelos alunos e correção, surgiu a seguinte dúvida: Afinal, qual o papel do professor?

Desde petiz, aprendi com minha mãe, professora da Educação infantil, que o papel do professor era ensinar e o papel do aluno estudar, ou seja, algo meramente mecânico. Ao ingressar na escola, e posteriormente no ensino superior, pude compreender que o papel do professor não é único e exclusivo de ensinar, mas sim ir além do ato de ensinar ou como pondera Freire: “educar é impregnar de sentido aquilo que fazemos a cada instante” (FREIRE, 1996, p.20). Na faculdade de filosofia, aprendi que, no processo de ensino aprendizagem, o professor é um verdadeiro estimulador dos conhecimentos de seus discentes. Pois, como já

---

<sup>8</sup> Termos gregos utilizados pelos filósofos milésios que habitavam a região de Mileto (antiga cidade da Ásia Menor, no sul da Jônia, cuja região atualmente faz parte da Turquia) que resumem as suas doutrinas acerca da origem do mundo, a saber: *Physis* princípio da evolução ou do progresso, na natureza, isto é, a natureza enquanto fonte de progresso e evolução. *Arché* a existência de um princípio primordial, ou seja, aquilo que permanece na transformação. *Ápeiron*, termo utilizado por Anaximandro para indicar a mistura que originou todas as coisas, indefinida, indistinta e caótica, a partir da qual foi gerado o mundo tal qual o conhecemos. *Logos* é o termo, segundo Nicola (2005) talvez o mais importante de todo o vocabulário filosófico, mas que não pode ser traduzido facilmente porque contém uma pluralidade de significados ligados entre si: palavra, enunciado, definição, discurso, explicação, cálculo, medida, avaliação, razão, causa, pensamento, necessidade, e outros mais. E que foi usado por Heráclito, que permaneceu na história da filosofia como o filósofo do devir, como elemento que governa o mundo, que consiste no pensamento e que é o princípio de tudo e que regula o funcionamento do cosmo.

mencionamos no início deste trabalho, a alma de quem aprende deve ser cultivada por meio de hábitos que introduzem quem aprende a gostar e a desgostar acertadamente, à semelhança da terra que deve nutrir a semente. (ARISTÓTELES, 1992, p. 195). Assim, o professor assume o papel de mediador entre o conhecimento teórico e prático, cultiva a semente do saber e estimula o seu crescimento. Deste modo, infere-se que o professor é um jardineiro que cultiva a semente do saber, regando-a com as águas da sensatez e adubando-a com os adubos da constância.

No transcurso do processo de ensino, o professor é aquele que constrói e ressignifica intensa e afetivamente a aprendizagem de seus discentes, conforme bem enfatizou Gallo ao mencionar Rancière, sobre a verdadeira missão do professor.

(...) A Filosofia pode ser, na instituição, este lugar onde se reverta o fundamento da autoridade do saber, onde o sentimento justo da ignorância apareça como a verdadeira superioridade do mestre: o mestre não é aquele que sabe e transmite; ele é aquele que aprende e faz aprender, aquele que, para falar a linguagem dos tempos humanista, faz seu estudo e determina cada um a fazer por sua conta. A filosofia pode ocupar este ponto de reversão porque ela é o lugar de uma verdadeira ignorância. Todos sabem que desde o começo da filosofia, os filósofos não sabem nada, não por falta de estudos ou de experiências, mas por falta de identificação. Também o ensino da filosofia pode ser este lugar onde a transmissão dos conhecimentos se autoriza a passar algo mais sério: a transmissão do sentimento de ignorância. (RANCIÈRE *apud* GALLO, 2010, p.171)

Na transcurso da Filosofia, o sublime ofício do professor, parte do sentimento de ignorância nascido do diálogo entre discente e docente, com o confronto entre posições teóricas e visões de mundo diferentes, que sempre nos coloca numa caminhada de busca, de questionamentos, de abertura para o desconhecido. Como bem apregoou Sócrates que o mais considerável em se aproximar da verdade é reconhecer que nada sabemos e, a partir daí, fornecer elementos para a construção do conhecimento.

Desta feita, pode-se aferir que o papel do professor é ter o domínio dos objetos de conhecimento e, diariamente, adquirir outros saberes, conforme bem destacou Araújo (2014); e, ao mesmo tempo, que pode até parecer diametralmente oposto, mas não o é, o professor é aquele que, ao falar a linguagem de seu próprio, contexto vai construindo e que, fazendo aprender aquele que aprende, vai dando sentido ao seu ofício de docente, como enfatizou Gallo (2010).

Concomitantemente, Freire salienta:

Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da “formação” do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. (FREIRE, 1996, p.13)

E assim, em Freire, o processo da formação de quem forma (o docente) deve ser permanente e contínuo, pois quem forma se forma e reforma, corroborando com Rancière, como pontuamos anteriormente, por quem o professor é tido como aquele que aprende e faz aprender.

#### **4. A pandemia do novo coronavírus e o ensino de Filosofia à distância**

No dia 31 de dezembro de 2019, a República Popular da China reportou à Organização Mundial da Saúde (OMS) uma “pneumonia de causa misteriosa” que atingia a cidade de Wuhan e começou a se espalhar pelo território chinês. No dia 30 de janeiro de 2020, a OMS definiu o Estado de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. Em março de 2020, a OMS reconheceu que a COVID19, infecção causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), tratava-se de uma situação de pandemia, quando uma doença infecciosa afeta um grande número de pessoas espalhadas pelo mundo. (GOIÁS, 2020, p. 1).

Diante deste quadro pandêmico da COVID-19, as escolas, por medidas de segurança e preservando a saúde dos docentes e discentes, bem como de seus familiares, foram, por força, de decretos estaduais e municipais ordenadas a suspenderem as aulas presenciais. Diante da pandemia, sem saber o que fazer e como fazer, alguns estados e municípios adotaram o Regime Especial de Aulas Não Presenciais (REANP), ou seja, o ensino de forma remota. Começava aí um enorme desafio para todos, tanto para professores quanto para alunos.

No que tange à docência, tantos os jovens professores sapientes em tecnologias digitais, bem como os mais experientes, ninguém sabia lidar de forma clara e objetiva com o novo modelo de ensino, aulas virtuais, *Google Forms*, *Google Meet*, *Classroom etc.* Os docentes tiveram que agir na urgência e decidir na incerteza, de modo que foram garimpando meios e formas para garantir o mínimo necessário no processo de ensino, mesmo em meio a pandemia da COVID-19.

Enfim, do ensino público ao particular, com a pandemia, professores e alunos foram impulsionados a ressignificarem seus papéis no processo educacional. Os alunos transformaram suas casas em salas de aula e os professores transformaram suas casas em estúdios de gravação. Ambos se adaptando à nova realidade educacional, ora imposta.

Nesta nova realidade de ensino aprendizagem, tanto entre docentes e discentes, elencamos inúmeros desafios, entre eles: isolamento e quarentena; temor pelo risco de

adoecimento e morte; desemprego; aulas remotas, que não superam o modelo tradicional de ensino; o não saber lidar com esse novo modelo de ensino e a necessidade de uma formação continuada; a sobrecarga de trabalho dos docentes; limitação de gestos afetivos como aperto de mão, abraços, etc. distanciamento; restrição de momentos de convívio social, cultural e até mesmo familiar; tristeza, desânimo, angústias, ansiedade, perdas de parentes ou amigos para um inimigo invisível.

Do mesmo modo, nessa nova modalidade de ensino, em todas as áreas do conhecimento, entre os discente, se destaca: falta de acesso a uma *internet* de qualidade; desinteresse pessoal e falta comprometimento; ausência de um local apropriado para estudo; falta de um aparelho de qualidade que suporte minimamente o tráfego de dados de *internet*; dificuldades em estabelecer rotina; dispersão nos momentos de estudos; longo período de tempo em exposição às telas digitais; discentes que na mesma casa compartilham o mesmo celular para realizar suas atividades. Porém, vamos nos ater a somente a três, a saber: (1) A formação continuada do docente (02) barreiras criadas pelas novas tecnologias; (03) assiduidade, comprometimento e os desafios socioeconômicos.

Entre os muitos desafios enfrentados no processo de ensino de Filosofia, destaca-se a justa e necessária a formação do docente, uma vez que ele é o mediador na construção do conhecimento de seus discentes. Hodiernamente, como já dissemos, grande maioria das escolas do País estão realizando suas aulas em regime não presencial, ou seja, em modo de Educação a Distância (EaD), tendo como principal instrumento de trabalho as novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs). Daí decorrem significativas necessidades formativas que necessitam ser discutidas e refletidas. Entre elas: a formação continuada dos professores e as novas tecnologias no processo de ensino. Ademais, podemos nos perguntar: de que forma podemos pensar a formação continuada de docentes em tempos de EAD? Qual o papel que as novas tecnologias assumem no processo educacional? Para mais, nunca a formação continuada de professores e as necessidades formativas em tecnologias na educação, tornaram-se elementos de atenção e reflexão no processo de ensino como agora. A formação continuada de professores, de singular relevância no processo de ensino aprendizagem, ganha nos dias atuais, considerável destaque no novo cenário educacional que se impõe, a educação em EAD. Com a pandemia, as TICs passaram a fazer parte da realidade diária de professores e alunos, tanto da rede pública, quanto da rede privada. Professores criaram grupos de estudos, nas plataformas digitais e nas mídias sociais, como *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*, e, a partir daí, mesmo sem devida formação, a uma velocidade surreal, foram impelidos a ressignificar a prática docente, a didática e a sua metodologia de ensino, conformando-as às novas TICs.

A formação continuada de professores, garantida no artigo 62 da Lei 9394/96 das Diretrizes e Bases da Educação (LDB), indiscutivelmente é um dos elementos vitais para uma educação eficaz e de qualidade, pois imprime de modo indelével a experiência do conhecimento na vida do professor, e, que se estende à sua prática pedagógica. E, nos últimos tempos, com advento das novas tecnologias, a formação continuada do professor, sobretudo em tecnologias na educação, se faz necessária, como enfatiza Mercado. A necessidade de formar os professores em novas tecnologias se dá principalmente pela significação que estes têm na atualidade.

[...] Na formação de professores, é exigido dos professores que saibam incorporar e utilizar novas tecnologias no processo de aprendizagem, exigindo-se uma nova configuração do processo didático e metodológico tradicionalmente usado em nossas escolas, no qual, a função do aluno é a de mero receptor de informações, e uma inserção crítica dos envolvidos, formação adequada e propostas de projetos inovadores. (MERCADO,1999, p.10)

Assim sendo, com clareza meridiana, há de se considerar que a formação em tecnologias na educação promove uma nova postura no processo de ensino, bem como favorece uma gama de inovações nas práticas didáticas e metodológicas. A exemplo disso, temos: aulas interativas online, jogos educativos com realidade em 3D, vídeo aulas, webinários, lousa digital, plataformas digitais e tantos outros recursos que vão inovando e ressignificando o processo de ensino. A formação continuada de professores sempre foi e continuará sendo um grande desafio, sobretudo para os docentes em filosofia. Já nos alertara Mercado:

É preciso que, no preparo do professor, se propicie vivências de experiências que contextualizam o conhecimento que o professor constrói, pois é o contexto da escola, a prática dos professores e a presença dos alunos que determinam o que deve ser abordado nos cursos de transformação. (MERCADO, 1999, p.14)

Desta sorte, pode-se consignar que as vivências, as experiências, o contexto escolar, a prática e presença dos alunos são elementos preponderantes no processo formativo do professor. E este processo formativo se justifica em três aspectos, elencados por Mercado (1999), ei-los: melhorar a interpretação e concepção tecnológica dos professores; alcançar uma concepção tecnológica apoiada em uma fundamentação científica do processo de ensino-aprendizagem e gerir os meios de aula. Se por um lado a formação continuada de professores é um grande desafio, por outro vemos a necessidade e a importância que ela desempenha no sagrado ofício da docência.

E a partir daí pode-se perguntar, mas como pensar a formação continuada em tempos de EAD? Para tal pergunta não se tem uma resposta pronta, entretanto, poderíamos recorrer ao método do ver, julgar e agir criado por Joseph Léon Cardijn e posteriormente endossado por Paulo Freire, que creditava uma pedagogia libertadora a partir de uma consciência crítica, que se dá pela formação, na qual: “o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica da realidade” (FREIRE, 1977, p.26). E, a partir do ver, julgar e agir, descobrir no processo da formação continuada a capacidade humana e especialmente filosófica, de criar e transformar.

Por outro lado, neste processo, surgem algumas necessidades formativas decorrentes de um processo de transformação ou ressignificação, como a capacitação para o acesso às TICs e a utilização de metodologias com uso de tecnologias digitais no processo de ensino. Pois, segundo Mercado (1999), as novas tecnologias, carregadas de três características excepcionais, como a imaterialidade, a interatividade e a instantaneidade, são uma nova configuração do processo didático na possibilidade de aprendizagem.

Deste modo, pode-se inferir que os desafios encontrados no processo de formação continuada de professores são inúmeros, porém, a partir da problematização e de uma leitura crítica e atenta da realidade e dos processos de transformação e ressignificação, poderão ser superados e solucionados. Outrossim, entendemos que a formação docente deve, de modo claro, prepará-lo para as visões críticas e políticas do currículo, dos objetos de conhecimentos e da avaliação, uma vez que, tal discussão promove uma nova postura do docente no processo de ensino, bem como, favorece uma gama de inovações nas suas práticas didáticas e metodológicas. Por outro lado, evidencia reflexões críticas que contextualizam o conhecimento e a prática pedagógica.

Entre todos os desafios impostos pela pandemia, cremos que seja um dos mais latentes o limite criado entre o professor e o aluno pela barreira tecnológica. O processo de ensino, e sobretudo na Filosofia, pode ser considerado uma arte de diálogo, enquanto fala, postura corporal e presença física. Ao passo que, com os novos instrumentos de ensino, cria-se, de certo modo, uma barreira física, que impede essa relação de diálogo e, ao mesmo tempo, de sincronia entre professor e aluno, uma vez que para o alcance do saber, se faz de suma importância esse diálogo, correndo o risco de produzir uma diacronia estrutural no processo de ensino aprendizagem.

Outro grande desafio, em face da pandemia, e de cunho socioeconômico, é a necessidade de discentes serem obrigados, pelo próprio contexto, a trabalharem, seja no âmbito social, seja nos afazeres domésticos, uma vez que todas as famílias foram atingidas direta ou

indiretamente pela crise sanitária e econômica que ora vivemos. Pais e mães perderam empregos ou reduziram a carga horária de trabalho, e os filhos são postos aos afazeres domésticos, ou mesmo ao trabalho remunerado para complementar a renda. Este desafio se torna latente, pois deixa uma lacuna no processo formativo do discente, uma vez que é preciso trabalhar durante o dia e realizar as atividades escolares no período noturno, quando o corpo já está cansado e não encontrando forças para a rigorosidade disciplinar.

Por outro lado, temos a questão da má qualidade do fornecimento de *internet* no Brasil, sobretudo nas cidades dos interiores. É uma verdadeira escassez. Além disso, a crise pandêmica trouxe a lume aquilo estava sob nossas barbas<sup>9</sup> e não vimos, a desigualdade educacional, econômica e social. A saber: Quando três ou quatro discentes de uma mesma casa, precisam utilizar o mesmo aparelho para realizar as atividades, uma vez que, os pais não detêm condições para adquirir um para cada discente.

Outro desafio que se impõe, e que afeta acertadamente no comprometimento do processo de ensino aprendizagem, é a falta de motivação; o próprio contexto da pandemia e os fatores de ordem psíquica e emocional vão subtraindo a assiduidade e o compromisso do aluno com a disciplina e o rigor de seus estudos, gerando assim uma grande dificuldade para se construir um diálogo do docente com seu discente.

Da mesma forma, outro aspecto observado durante o período do Regime Especial de Aulas Não Presenciais é a escassez de recursos humanos, pedagógicos e materiais para ministrar aulas. Nem todos os docentes compreendiam o manuseio das novas tecnologias, do mesmo modo, que nem todos os docentes mais experientes aceitavam ser instruídos pelos mais jovens. Ministrar aulas nesse período foi uma atividade muito mecânica, na realidade eram observados os seguintes passos: preparar planos de aulas, inseri-los no sistema, preparar *slides*, gerar *links* para *web conferências*, gravar vídeo aula, ministrar aula pelas plataformas digitais, como *Google Meet*, *Zoom*, *Hangouts*, enquanto a comunicação se dava praticamente pela plataforma WhatsApp e, por fim, disponibilizar questionários elaborados no *google forms*. As primeiras vezes, ao ministrar aulas pela plataforma Google Meet, senti que estava conversando sozinho com o meu *notebook*, pois os alunos, mesmo quando solicitados, não ativavam seus microfones e nem suas câmeras, outras vezes a conexão era perdida e sem dar conta ficava longos minutos conversando literalmente com a tela do computador.

Contudo, mesmo com os desastres provocados pela pandemia, ainda pode-se olhar algumas luzes no fim do túnel, no que concerne ao campo do ensino-aprendizagem, a saber:

---

<sup>9</sup>Referência ao dito popular do interior goiano: "passou debaixo de nossas barbas e não vimos"; quer dizer que que não se percebeu; não foi observado, ou notado.

vídeo aula, interação pelo *WhatsApp*, os questionários online pelo *Google Forms*, atividades postadas no *Instagram*; troca de mensagens, áudios, vídeos explicativos gravados pelos próprios professores, web conferência, chamadas de vídeos pelo *Google Meet*, valorização da interação e das aulas presenciais e equipes pedagógicas, alunos e famílias se inseriram na cultura digital, que foram formas as quais minimamente supriram as necessidades de nosso tempo.

## 5. Considerações finais

Por meio do presente artigo, foi possível conhecer os desafios do processo de ensino de filosofia, bem como o contexto em que eles foram apresentados. Assim, efetivamente, foi possível identificar os desafios, descrever as dificuldades enfrentadas pelos docentes e discentes e analisar o processo de ensino de Filosofia no 1º Ano do Ensino Médio.

Destarte, diante das mais variadas interpretações de desafios, ora recorrentes, ora impostos pelo próprio contexto, o presente trabalho procurou compreendê-los à luz da atualidade. Com isso, surgem novos horizontes para pesquisas, entre eles: o ressignificar das práticas metodológicas e a promoção do caráter reflexivo dos discentes diante do seu processo de aprendizagem, utilizando as novas tecnologias como uma possibilidade para o ensino de filosofia.

Ademais, frente aos emaranhados desafios encontrados, se faz improrrogável que nós, enquanto docentes, nos empenhemos ao máximo para diminuir as desigualdades educacionais dos discentes em prol da aprendizagem de todos. Estejamos atentos a fim de mitigar os riscos de evasão escolar, sobretudo no contexto pandêmico de aulas não presenciais e acolhamos nossos discentes fraternalmente de modo a atenuar os impactos provocados pela pandemia do novo coronavírus.

Assim, não podemos nos esquecer que:

Ensinar Filosofia é um exercício de apelo à diversidade; é um exercício de acesso às questões fundamentais para a existência humana; é um exercício de abertura ao risco, de busca da criatividade, de um pensamento sempre fresco; é um exercício da pergunta e da desconfiança da resposta fácil. Quem não estiver disposto a tais exercícios, dificilmente encontrará prazer e êxito nesta aventura que é ensinar filosofia e aprender filosofia. Ademais, como a etimologia sugere, talvez a ensinabilidade tenha a ver com propiciar sinais e marcas que os outros possam seguir. Quem sabe também esteja ligado a

oferecer um exemplo por parte de alguém que, também e sobretudo, aprende. (SCHUTZ, SCHWENGBER, 2018. p.9)

Diante de todas as barreiras, o professor é aquele que abre caminhos para os seus discentes. Por outro lado, o professor é (ou devia sê-lo) aquele que, na medida que é confrontado com os problemas e desafios da sua realidade, é impulsionado à reflexão, e a um abrir-se a ressignificação, num esvaziar-se de si mesmo para identificar, problematizar e deliberar sobre os novos rumos a seguir no sagrado ofício de mediar o processo de ensino, na esperança de um dia exclamar: “*Veni, Vidi, Vici*”<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup>Vim, Vi, Venci. Tradução livre. Máxima atribuída a Júlio César, general e cônsul, proferida ao senado romano, narrando sua vitória na Batalha de Zela, sobre Fárnares II do Ponto. A referida máxima serviu para anúncio da vitória, bem como alerta ao senado de seu poder. No presente artigo, tendo em vista a força de guerreiro que existe em cada docente, de enfrentar a cada dia um novo desafio, bem como, a capacidade de ressignificar e de ser resiliente, deliberei por assim utilizá-la.

## 6. Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 2. Ed. Brasília: Edunb, 1992.
- BRAIDA, Celso Reni. “*Ensino de Filosofia e sensibilidade à ocasião*”. In: NOVAES, José L. C. (org.). *Filosofia e seu ensino: desafios emergentes*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB*. 9394/1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)
- CAMPANER, Sônia. *Ensinar e Aprender Filosofia*. São Paulo. Livraria Saraiva. 2012.
- DEMÓCRITO, de Abdera. *Fragmentos*. In: *Os pré-socráticos, Fragmentos. Doxografia e Comentários*. São Paulo: Abril Cultura, 1996. Pág. 264-302.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GALLO, Sílvio. & KOHAN, *Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio*. Petrópolis: Editoras Vozes, 2000.
- GELAMO, RP. *O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia?* São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 02, fev. 2021.
- GOIÁS, Secretaria de Estado da Saúde. *Protocolo de Biossegurança para Retorno das Atividades Presenciais nas Instituições de Ensino do Estado de Goiás*, 2020. Disponível em: [https://www.saude.go.gov.br/files//banner\\_coronavirus/Protocolos/Protocolo%20de%20retorno%20as%20atividades%20presenciais%20nas%20institu%C3%A7%C3%B5es%20de%20ensino%20de%20Goi%C3%A1s.pdf](https://www.saude.go.gov.br/files//banner_coronavirus/Protocolos/Protocolo%20de%20retorno%20as%20atividades%20presenciais%20nas%20institu%C3%A7%C3%B5es%20de%20ensino%20de%20Goi%C3%A1s.pdf). Acesso em: 12, jan. 2021.
- GOIÁS, Secretaria de Estado da Educação. *Currículo referencial para o ensino médio*. 2012.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *A Razão na História - Uma Introdução Geral à Filosofia da História*. Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1999.
- NOVAES, José Luís Corrêa - AZEVEDO, Marco Antônio Oliveira de. 2014. *A Filosofia e seu ensino. Desafios emergentes*. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- MEDEIROS, Amanda Marina Andrade - Bisinoto, Cynthia. *Docência na socio educação*. Brasília: Universidade de Brasília, Campus Planaltina, 2014.
- MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo. *A formação continuada de professores e novas Tecnologias*. Maceió-AL. EDUFAL. 1999.

- NICOLA, Ubaldo. *Antologia ilustrada de Filosofia das origens à idade moderna*. São Paulo. Editora Globo. 2005.
- PERRENOUD, Philippe. *Ensinar: Agir na urgência, decidir na incerteza*. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- RANCIÈRE, Jaques. *O mestre ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Trad. Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- ROCHA, Ronai P. da. “*Ensino de Filosofia e sensibilidade à ocasião*”. In: NOVAES, José L. C. (org.). *Filosofia e seu ensino: desafios emergentes*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- RODRIGO, Lídia Maria. *Filosofia em sala de aula teoria e prática para o ensino médio*. Campinas: Autores Associados, 2014.
- SCHUTZ, Jenerton Alan. SCHWENGBER, Ivan Luís. *Sobre a ensinabilidade e a aprendizibilidade da filosofia: reflexões acerca da especificidade do exercício filosófico*. *Filos. e Educ.*, Campinas, SP, v.10, n.2, p. 331-349, maio/ago. 2018.
- SOUZA, Kairon Pereira de Araújo, *A Filosofia no Ensino Médio: alguns desafios*, *Revista Espaço Acadêmico*, v. 17, n. 195, p. 70–81, 2017.
- VAZ, Érica Luana de Lara. 2015. *Desafio de ensinar para o ensino médio*. Disponível: <<https://hdl.handle.net/1884/50764>>. Acesso em: 10 jan. 2021.